

SEM PODER, EXPLOSIVA E FORA DO BARALHO: discursos sobre a presidenta Dilma Rousseff em capas de revistas jornalísticas

NO POWER, EXPLOSIVE AND OUT OF THE DECK: speeches about President Dilma Rousseff in journalistic magazines covers

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte | Brasil
Francisco Vieira da SILVA²
Universidade Federal Rural do Semi-Árido | Brasil

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre a construção discursiva da presidenta Dilma Rousseff em capas de revistas de circulação nacional, atentando para as operações e efeitos de sentidos produzidos. Para tanto, são utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (doravante AD) de orientação francesa, tomando o discurso como mecanismo de saber e poder que atua na constituição de imagens e imaginários. As análises revelam a utilização de filtros e modos de enunciação específicos em torno da discursivização da figura de Dilma publicizada pelas capas das revistas jornalísticas. Observam-se posicionamentos que buscam constituir a figura de Dilma como uma pessoa com gênio explosivo, difícil de lidar, entre outras características que a fariam menos apta ao cargo de presidente, desvelando vieses misóginos e conservadores, os quais parecem estar inscritos em um movimento de sentido mais amplo que vem ganhando espaço e repercussão com a intensificação da crise política e econômica brasileira.

Palavras-chave

Jornalismo; Dilma Rousseff; Jornalismo de Revista; *Veja*, *IstoÉ*, *Época*, Misoginia.

Abstract

The article aims to reflect on the discursive construction of the president Dilma Rousseff in covers of magazines of national circulation, paying attention to the operations and effects of senses produced. For that, the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis (hereinafter AD) of French orientation are used, taking the discourse as a mechanism of knowledge and power that acts in the constitution of images and imaginaries. The analyzes reveal the use of specific filters and modes of enunciation around the discursivization of the figure of Dilma published by the covers of journalistic magazines. Positions that seek to constitute the figure of Dilma as a person with explosive genius, difficult to deal with, among other characteristics that would make her less fit for the position of president, unveiling misogynistic and conservative biases, which seem to be inscribed in a movement of a broader sense that has been gaining space and repercussion with the intensification of the Brazilian political and economic crisis.

Keywords

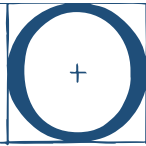
Journalism; Dilma Rousseff; Magazine Journalism; *Veja*; *IstoÉ*; *Época*; Misogyny.

RECEBIDO EM 20 AGOSTO DE 2018
ACEITO EM 07 OUTUBRO DE 2018

¹JORNALISTA. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Docente do curso de Comunicação Social e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas e Ciências da Linguagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Contato: marciliamendes@uol.com.br.

²Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Contato: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

Introdução

s acontecimentos que marcaram a cena política brasileira nos últimos anos têm nos levado, mais do que nunca, a procurar refletir a respeito do modo como os diferentes dispositivos comunicacionais procuram capitalizar as diversas questões do jogo político no Brasil, produzindo discursos e disseminando verdades, de modo a engendrar determinados posicionamentos junto ao público.

No caso do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, consideramos que a mídia exerceu um papel singular na gestação de uma disputa de sentidos em torno desse episódio. Ainda que o termo mídia, hoje, abarque uma diversidade de plataformas de produção e de circulação de conteúdos, desde as mídias corporativas, passando pelas mídias alternativas até uma concepção que considera os próprios sujeitos como uma agência de veiculação de informação, especialmente através das redes sociais digitais, não se pode negligenciar o papel preponderante que determinados meios de divulgação de informações exercem junto ao público que os consome, a exemplo de revistas de circulação nacional, como *Época*, *IstoÉ* e *Veja*.

Partindo dessa reflexão, o presente artigo tem como objetivo analisar três capas de três edições das revistas supracitadas, com vistas a refletir acerca do tratamento conferido à presidenta Dilma Rousseff e ao seu governo, antes da efetivação do processo de *impeachment*. Em síntese, somos impelidos a discutir como essas revistas, ao enunciarem acerca da gestão de Dilma nos momentos que antecederiam a sua saída, construíram determinados posicionamentos discursivos e criaram verdades que se relacionam com outros dizeres inerentes aos tensionamentos de um período bem conturbado da política nacional.

O aparato teórico que conduzirá as análises advém da perspectiva da Análise do Discurso, a partir das ressonâncias investigativas resultantes das reflexões de Michel Foucault acerca do discurso, do enunciado e das relações de poder que nos autorizam pensar o jornalismo de revista como um dispositivo que faz funcionar estratégias de saber-poder. Noutras palavras, esse dispositivo alinha-se a relações de força responsáveis por delinear diferentes posicionamentos discursivos que não apenas informam, mas produzem condutas, subjetividades, modos de ser e estar no mundo.

A escolha pelas capas de revista como objeto de análise se deu devido a sua atuação como vitrines em relação aos conteúdos que são tratados no decorrer da revista como um todo, pois sua função é justamente despertar a atenção dos leitores, convidá-los para a leitura e deleite daquilo que é

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES • Francisco Vieira da SILVA

prometido através do seu destaque. Na capa é posto o elemento principal a ser vendido, e todos os outros se põem em uma ordem de subordinação e hierarquização. Nela podem ser encontrados desde elementos textuais, imagens, ilustrações, entre outros, que juntos visam conquistar o possível consumidor. Além disso, nas capas se podem analisar os sentidos que desvelam posições políticas, relações de poder e agenciamentos diversificados.

Do ponto de vista organizacional do texto este artigo apresenta a seguinte configuração: na seção a seguir discutimos, de modo mais verticalizado, como o jornalismo de revista se constitui enquanto um dispositivo midiático de enunciação para, no tópico posterior, analisarmos as capas coletadas para este estudo. Na seção final tecemos alguns apontamentos de caráter conclusivo para as reflexões desenvolvidas no curso deste escrito.

O jornalismo de revista como um dispositivo midiático de enunciação

Entre as diferentes formas que visam narrar e problematizar os acontecimentos e temas da vida cotidiana tem destaque o jornalismo de revista, mesmo em tempos da crise dos impressos, considerando a convergência das mídias (JENKINS, 2009) e produção de conteúdo em novos suportes e ambiências, com destaque para a *internet*. O jornalismo de revista pode ser entendido como aquele que, a partir de abordagens temáticas variadas, possui um tom noticioso mais voltado para a análise e interpretação, tendo como marca identitária características específicas, haja vista que o jornalismo de revista possui ampla segmentação, isto por meio da especialização de seus conteúdos.

Conforme Tavares e Schwaab (2013) as características que irão definir o nicho da revista se intensificaram no Brasil na década de 1960, momento da emergência da indústria cultural em solo nacional, fator que propiciou o aumento da circulação das publicações. Hoje são produzidas e circulam revistas de vários segmentos, compreendendo questões diversas como idade, gênero, estilo de vida, classe socioeconômica, entre outros elementos, bem diferente do que ocorria antes do período citado acima, quando os títulos eram produzidos visando a leitura por toda a família, isto é, não havia uma especialização com publicações direcionadas para as mulheres, adolescentes, homens, entre outros. Os autores enfatizam que dois aspectos

evidenciam mais diretamente o tipo de segmentação adotado por um veículo: primeiro o seu público, e depois o seu conteúdo.

Outro aspecto que lhes é inerente é a questão da periodicidade, pois, diferentemente dos jornais diários ou *sites* noticiosos, a sua circulação é variável, podendo ser semanal, quinzenal, mensal etc. Segundo Tavares e Schwaab (2013, p. 27), no cenário da mídia impressa, as revistas diferenciam-se, ainda, pela sua condição material, pois a quantidade de suas páginas também é um fator que pode variar conforme cada publicação, dialogando ainda com o contexto social do qual a revista é parte.

No caso das capas das revistas analisadas – *Época*, *IstoÉ* e *Veja* – considera-se que são expoentes do segmento de jornalismo de revista em nível nacional, haja vista a grande circulação que possuem. Além de poderem ser adquiridas através de assinaturas, também é possível encontrá-las em bancas de revistas e em plataformas digitais especializadas, como o *Go Read*³.

Trata-se de revistas que possuem vinculação com determinados setores da sociedade, sobretudo os mais conservadores, haja vista o seu diálogo com as pautas do campo liberal, contrárias à intervenção do Estado na economia, não esquecendo das suas filiações políticas alinhadas à direita, fator que dá condições para a produção de discursos que expressam posicionamentos contrários a pautas e políticos mais progressistas. Mais que publicizar discussões em torno deste contexto, observamos a operacionalização de agenciamentos que visam dar conta dos modos pelos quais as pessoas possam lidar, entender, se comportar e vivenciar a questão política.

Com efeito, levando em consideração os fatores acima discutidos, tomamos o jornalismo de revista como um dispositivo. Tratá-lo desta forma, por sua vez, requer explicitar que o termo traz consigo uma série de acepções, podendo ter um caráter tecnológico, jurídico ou uma interpretação filosófica e sociológica. Assim sendo, o uso adotado neste trabalho refere-se à última perspectiva indicada (uma interpretação filosófica e sociológica), tomando como base as ideias do filósofo francês Michel Foucault, para quem o dispositivo trata-se de uma rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos, que engloba

³ Serviço para acesso de revistas. A partir de uma assinatura mensal no valor de R\$ 22,90 – exceto no primeiro mês, que é grátis – o usuário pode ter acesso a mais de 100 títulos de revistas, que podem ser acessadas em computadores, *tablets* e *smartphones*. Este serviço encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.goread.com.br/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=google_search&gclid=CPr62rrPxtECFQgGkQodO94Puw>.

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES • Francisco Vieira da SILVA

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] (FOUCAULT, 2013b, p. 364).

O dito e o não dito também são elementos que constituem o dispositivo, o qual é a rede que se pode estabelecer entre estes diversos elementos.

O dispositivo atua na produção de sentidos, sendo um elemento balizador de determinadas práticas. A partir dele também são produzidas subjetividades e sociabilidades, o que ocorre através dos dispositivos midiáticos de enunciação, tal qual o jornalismo de revista, uma vez que a mídia condiciona e estrutura através de suas relações de saber e poder determinados padrões, ao mesmo tempo em que é condicionada de acordo com os usos e apropriações que são realizados pelos sujeitos nos processos de mediação.

O jornalismo de revista é aqui tomado como um dispositivo midiático de enunciação (RODRIGUES, 2015), o qual atua e coloca em circulação os mais diversos discursos sobre política e gênero, construindo ou fortalecendo narrativas que ora interpretam e assemelham-se a realidade, ora aproximam-se mais de distopias, tendo em vista que não refletem ou dialogam acerca das conjecturas estruturais, mas buscam construí-las a partir de vieses particulares.

Dilma em revista: gênero e misoginia

Conforme anunciamos anteriormente, nosso objetivo neste escrito reside em analisar os discursos sobre a presidenta Dilma Rousseff em capas de revista de circulação nacional, com o intuito de investigar os mecanismos de saber e poder e os posicionamentos discursivos que são regulares na constituição de dizeres acerca da então presidente, na época em que estas capas foram produzidas e publicadas. Para tanto, selecionamos três capas provenientes das principais revistas de variedades brasileiras, quais sejam: *Época*, *IstoÉ* e *Veja*.

Começamos a análise pela capa da revista *Época*, conforme nos mostra a **Figura 1**.

Na materialidade verbo-visual da capa deparamo-nos com a imagem da presidenta Dilma sentada, atenta olhando o relógio e com ar de preocupação. O fundo preto acentua ainda mais o tom lúgubre que a capa destaca. Os dizeres em caixa alta qualificam-na como "a presidente sem poder". A cor vermelha na qual se encontra grafado o termo "presidente", ao

SEM PODER, EXPLOSIVA E FORA DO BARALHO: discursos sobre a presidenta Dilma Rousseff em capas de revistas jornalísticas

mesmo tempo em que atualiza uma memória de filiação da referida política ao Partido dos Trabalhadores (PT), reitera o cenário de urgência e de desespero que o veículo midiático em estudo procura criar.

Logo abaixo, a posição que enuncia na capa esclarece: “Dilma se enfraquece e perde tempo ao lançar um pacote equivocado – e deve



Figura 1: Capa da revista *Época* - Edição 902 (20/09/2015)

enfrentar um Congresso cada vez mais hostil”. Os efeitos de sentido que emergem da capa permitem-nos pensar no funcionamento de estratégias discursivas que fabricam determinadas representações acerca da presidenta, na medida em que a revista enuncia a partir de um dado posicionamento e responde a interesses específicos que, não por acaso, se opunham ao governo do PT. Para isso, tem-se uma representação segundo a qual a presidenta mostra-se despreparada e incompetente para ocupar o cargo de chefe do Executivo. Desse modo, tem-se uma aparente opacidade do sentido no jogo discursivo

da capa, pois é inconcebível um presidente não ter poder.

Logo, em seguida, somos advertidos, pela voz que fala na capa, que a presidenta tem sérias dificuldades em negociar com os membros do Legislativo e, por conseguinte, assegurar a famigerada e necessária governabilidade. Assim, a capa nos esclarece que a ausência de poder da presidenta estaria relacionada com os inconvenientes enfrentados por Dilma na consecução do seu governo, notadamente após a reeleição em 2014. Essa inabilidade da presidenta, portanto, seria um indício de que havia a possibilidade iminente de uma deposição, a ser considerada, pelas relações de força em que se amparam os discursos de *Época*, como legítima e necessária.

Outro aspecto que chama a atenção na capa tem a ver com o tratamento selecionado para se referir a Dilma: o termo presidente. É sabido que ela defendeu argutamente a necessidade de ser chamada pelo termo flexionado no feminino, especialmente para demarcar o lugar da mulher no acontecimento discursivo que assinalou a sua vitória presidencial. Conforme frisam Sargentini e Sá (2016, p. 179), “[...] já eleita, Dilma incorporou o

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES • Francisco Vieira da SILVA

termo [presidenta], e todos os seus correligionários e simpatizantes passaram a referi-la como tal.". O uso do termo no masculino e uma possível neutralidade que adviria desse emprego constitui uma estratégia de produção discursiva responsável por desconsiderar toda a historicidade que recobre o ineditismo de Dilma na presidência do Brasil e realça, subrepticiamente, a necessidade de manter a política sob o signo do poder patriarcal. Ainda de acordo com Sargentini e Sá (2016, p. 194), "[...] a não adesão ao termo, revela, mais que uma escolha lexical, a incorporação a uma formação discursiva que reatualiza dizeres de exclusão da mulher no espaço público."

Entendendo que, na perspectiva de Foucault (2013a), interessa pensar as condições de possibilidade que fizeram emergir determinado enunciado e não outro em seu lugar, convém perscrutarmos a produção discursiva da mídia acerca de uma narrativa histórica responsável por delinear o discurso da crise (MENEZES, 2016) do governo da petista e a defesa maciça da deposição da presidenta. Para tanto, na capa seguinte, os efeitos de sentido constroem a presidenta Dilma como emocionalmente desequilibrada e, por isso, imprópria para permanecer no cargo de presidenta. Vejamos a capa veiculada numa das edições da revista *IstoÉ*, quando se aproximava a data de votação do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados.

A expressão de cólera da presidenta é complementada pelo relato de ações praticadas pela agente pública que denunciam seu estado de desequilíbrio emocional. Os elementos linguísticos empregados na descrição das condições psicológicas da presidenta, tais como "completamente fora de si", "surtos de descontrole" e para designar as atitudes por ela tomada, como "ataca", "quebra" e "xinga", corroboram uma representação da presidenta segundo a qual, dado os excessos passionais imperdoáveis, é urgente que ela já não deve estar no posto de comandante do país.

Nessa lógica, à presidenta é atribuída incapacidade de lidar com



Figura 2: Capa da revista *IstoÉ*– Nº 2417.

SEM PODER, EXPLOSIVA E FORA DO BARALHO: discursos sobre a presidenta Dilma Rousseff em capas de revistas jornalísticas

situações conflituosas, de gerenciar os empecilhos inerentes ao cargo, pois, ao suplantar a razão pela emoção, demonstra sua fraqueza e incompetência. Num domínio de memória deparamo-nos com os binarismos, como razão *vs.* Emoção, para representar a identidade dos gêneros masculino e feminino. Conforme pontua Woodward (2008, p. 50), tem-se “um compromisso com os dualismos pelos quais a diferença se expressa em termos de oposições cristalinas – natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão”. Ainda de acordo com a autora, baseando-se em Derrida, a relação entre os dois termos dessas oposições demonstra um desequilíbrio necessário de poder. Noutros termos, a razão mostra-se preponderante frente à emoção, a cultura sobrepõe-se à natureza, e assim por diante. Em síntese, a presidenta Dilma é realocada no campo da emoção, em função de ser mulher, e por isso, falta-lhe pulso firme para resistir a um contexto desafiador e sobra o desequilíbrio, a perturbação e as loucuras “tipicamente” femininas.

A capa deixa entrever também uma reatualização de dizeres segundo os quais a mulher seria “um ser enganador, irrecuperável e maléfico” (DELUMEAU, 2009, p. 514). Nesse ínterim, Dilma é retratada, pelo viés de um posicionamento misógino, como uma mulher abalada emocionalmente (“surtos de descontrole”, “quebra móveis”), mal-educada (“grita com subordinados”) e transgressora (“ataca poderes constituintes”). Como consequência, tem-se a defesa de uma posição para a qual a presença da presidenta no poder é inviável, uma vez que esta não atende às supostas exigências definidas para quem deveria ocupar o posto (serenidade, governo de si e autocontrole), características estas relacionadas à razão intrinsecamente masculina.

Na capa a seguir, veiculada pela revista *Veja*, dias antes da votação do processo de *impeachment* na Câmara, observa-se a espetacularização de um posicionamento partidário desse veículo midiático em relação aos fatos



Figura 3: Capa da revista *Veja*, edição nº 2474.

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES • Francisco Vieira da SILVA
políticos ainda a serem efetivados.

No plano imagético a capa exhibe uma imagem que representa uma espécie de fotografia oficial da presidenta Dilma com a faixa presidencial. O efeito de rasura na foto, como se alguém estivesse arrancado uma parte dela, combinado com os dizeres “Fora do baralho”, denota que se trata de uma figura política sem qualquer importância no âmbito do jogo político em voga (a remissão ao baralho não é desprezível). Ainda que a votação do *impeachment* ainda não tivesse ocorrido (“com ou sem vitória na batalha do *impeachment*”), o posicionamento discursivo de *Veja* apela para um certo fatalismo, por meio do qual o governo encontra-se insustentável (“já perdeu a batalha do poder”, “o governo esfacelou-se”). Há, pois, uma posição discursiva que assevera e decreta o fim de uma gestão e, com isso, mobiliza a chamada opinião pública para aderir a essa constatação.

Considerando o efeito que as capas de revista geram nos potenciais leitores e constatando o apelo da imagem presente nas capas, entendidas por Scalzo (2006, p. 63) como “o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor”, podem-se rastrear os modos através dos quais esse veículo midiático lança mão para se posicionar no cenário político e produzir determinadas verdades para o leitor. Trata-se, antes, de estratégias matizadas por um tom sensacionalista, as quais colore os fatos com tintas fortes e procuram convencer o leitor a fazer parte desse jogo.

Assim, os efeitos de sentido provenientes da capa de *Veja* dialogam com os que emergem das demais capas estudadas, na medida em que todas partilham de um mesmo posicionamento discursivo para enunciar acerca do governo de Dilma Rousseff e da necessidade de destituí-la o mais urgente possível. Em convergência, as materialidades verbo-visuais dessas capas concorrem para “lembrar qual é o lugar da mulher” (GRANGEIRO, 2012, p. 176), pois, em todas as capas, a posição do sujeito mulher é posta em xeque. Para tanto, podemos focar que a legitimidade (ou a falta dela) do governo está congenitamente relacionada à incapacidade da presidenta de encarar os problemas de sua gestão, uma vez que carece de força, fôlego e segurança. Todos esses discursos, repetidos à exaustão em tantas materialidades da mídia, constituem uma “[...] atenção midiática que, conscientemente e de caso pensado, confunde e embaralha as competências federativas de tal modo que toda culpa caiba unicamente no governo federal.” (SOUZA, 2016, p. 94). Além disso, as três capas analisadas denotam uma ferrenha oposição à presidenta Dilma, reforçando uma visão machista e misógina, representada através das estratégias discursivas que constroem representações sobre a presidenta.

Considerações finais

Neste artigo o foco incidu sobre a análise de três capas de três revistas brasileiras, as quais traziam como destaque o governo da presidenta Dilma Rousseff antes da consecução do processo de *impeachment* em 2016. O propósito do estudo foi o de observar como os efeitos de sentido produzidos pelos discursos das capas construíram a imagem da então presidenta. Nessa incursão consideramos o jornalismo de revista como uma instância privilegiada de produção discursiva e de legitimação de verdades e, em função disso, partimos da tese segundo a qual esses veículos, ao enunciarem, operam um dizer que acaba por sinalizar os posicionamentos da instituição jornalística perante as disputas engendradas no campo político.

Dito isso, compreendemos que as capas, ao construírem discursivamente a gestão de Dilma como desastrosa e impertinente, teceram dizeres que desqualificam a então presidenta, dado que se trata de alguém que não tem poder, que é explosiva e que se encontra à margem do jogo político, embora ainda fosse até o momento, do ponto de vista legal, uma presidenta legítima. Ao agenciar essas operações de sentido as revistas se mostraram favoráveis a toda e qualquer manifestação que defendesse a deposição da presidenta, de modo a enlaçarem-se com posicionamentos análogos, presentes no próprio campo da mídia, assim como da política e da justiça. Dessa forma, enquanto dispositivo, mais do que problematizar ou relatar os acontecimentos, as revistas promoveram agenciamentos que se propunham a produzir ânimos, percepções e valores, o que não é o seu papel, alimentando, assim, a constituição de subjetividades e posicionamentos contrários à figura de Dilma e ao que ela representa.

Referências

- BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Claudia (Orgs.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada.. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2013b.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola: 2011.
- GRANGEIRO, Claudia Rejane Pinheiro. Misoginia e anticomunismo na xilogravura de cordel. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro (Orgs). **Produção de identidade e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012. p. 161-181.

- Marcília Luzia Gomes da Costa **MENDES** • Francisco Vieira da **SILVA**
GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Paulo: Claraluz, 2003.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Afinal o que é a mídia?. CISECO, Japaratinga (AL), 29 nov. 2015. Disponível em:
<<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/279-afinal-o-que-e-a-midia>>. Acesso em: 5 abr. 2016.
- SARGENTINI, Vanice; SÁ, Israel. Discursos em luta: os usos e os sentidos do termo "presidenta" no debate político-midiático. In: CURCINO, Luzmara.; SARGENTINI, Vanice.; PIOVEZANI, Carlos. **(In)subordinações contemporâneas**: consenso e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 179-195.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**: entenda por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.
- MENEZES, Kátia. O discurso da crise: resistências que produzem consensos. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. **(In)subordinações contemporâneas**: consenso e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 159-177.
- TAVARES, Frederico de Melo B., SCHWAAB, Reges. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: TAVARES, Frederico de Melo B., SCHWAAB, Reges (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomaz; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

